

WA'IKHANA  
*WEHSEP& BUUDE WEH&G& EHSAMII EMO SAÑODUKUG&*  
*TU'OSUA&*  
***FUI À ROÇA CAÇAR A CUTIA. OUVINDO O GRITO DO MACACO GUARIBA NO  
MATO, FUI ATRÁS.***

*Kristine Stenzel<sup>1</sup>*

*Bruna Cezario<sup>2</sup>*

*Tomás Nogueira, Narrador*

*Dionísio Nogueira e Edgar Cardoso, pesquisadores consultores*

## RESUMO

Esta narrativa relata uma experiência pessoal de um falante de wa'ikhana (ou piratapuyo, família tukano oriental), língua ainda pouco descrita e altamente ameaçada. Os Wa'ikhana vivem no noroeste amazônico, em comunidades da TI Alto Rio Negro (Brasil) e no Departamento de Vaupés (Colômbia). A narrativa relata de forma bem-humorada um episódio na vida do narrador, Tomás Nogueira, sobre um dia de caçaria que não deu certo. Além da análise interlinear completa da narrativa, oferecemos informações sobre do povo wa'ikhana e um perfil tipológico da língua, destacando características estruturais salientes que se apresentam ao longo da narrativa.

**Palavras-chave:** wa'ikhana, piratapuyo, línguas tukano oriental, narrativa oral

---

<sup>1</sup> Professora Associada do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ e membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Associate Professor in the Department of Linguistics and Philology and member of the Graduate Program in Linguistics, Federal University of Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ.

Doctoral student in the Graduate Program in Linguistics, Federal University of Rio de Janeiro.

## ABSTRACT

This narrative tells of an episode in the personal life of Tomás Nogueira, a speaker of Wa'ikhana (or Piratapuyo, East Tukano family), a highly endangered and still little described language. The Wa'ikhana people live in northwest Amazonia, in villages in the Alto Rio Negro Indigenous Lands (Brazil) and neighboring Departamento de Vaupés (Colombia). Tomás's tale presents us a good-humored account of a day when his hunting plans went wrong. Besides full interlinear analysis of the narrative, we offer background information about the Wa'ikhana people and a brief typological profile of the language, highlighting salient grammatical structures that can be observed throughout the narrative.

**Keywords:** Wa'ikhana, Piratapuyo, East Tukano languages, text analysis

## Introdução

*Wehsepʉ buude wehēgʉ ehsamii. Emo sañoduhkugʉ tu'osuaʉ* 'Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás' é uma narrativa pessoal contada por Tomás Nogueira, wa'ikhana da comunidade de São Paulo, conhecida na língua wa'ikhana como *Sanakohpedi*, localizada no rio Papuri na TI Alto Rio Negro no noroeste amazônico. A narrativa foi registrada em Iauaretê, comunidade mista na confluência dos rios Papuri e Uaupés, para onde muitas famílias wa'ikhana migraram nos últimos 30 anos (STENZEL, 2005). A gravação, com cerca de três minutos, foi feita no dia 10 de abril de 2006 e integra ao *Acervo Linguístico Cultural do Povo Wa'ikhana* (ELAR/SOAS)<sup>3</sup>, coletado pela linguista Kristine Stenzel entre 2005 e 2010. A transcrição, tradução e análise final do texto foram realizadas com a ajuda dos pesquisadores-consultores wa'ikhana Srs. Dionísio Nogueira e Edgar Cardoso durante viagem de pesquisa de campo em abril-maio de 2018<sup>4</sup>.

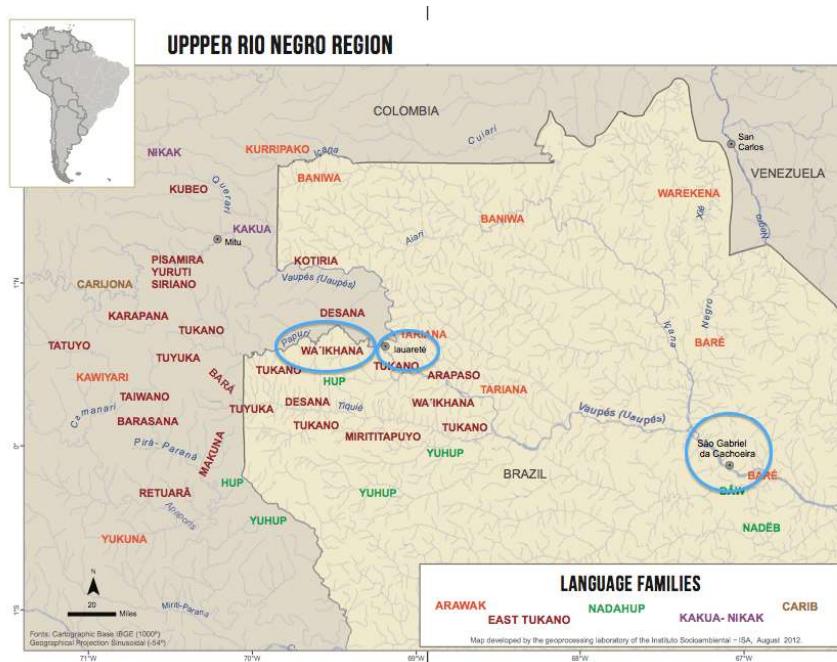
Neste artigo apresentamos informações relevantes sobre a situação sócio-histórica do povo wa'ikhana (seção 1.1), seguido por um breve perfil tipológico da língua, apontando algumas características importantes de sua fonologia e estrutura morfossintática (seção 1.2). A seção 2 traz comentários breves sobre a narrativa, o falante e a análise. Na seção 3 oferecemos a análise interlinear completa da narrativa, na qual destacamos aspectos linguísticas salientes por meio de notas de rodapé.

3 <https://elar.soas.ac.uk/Collection/MPI944429>, acessado 03/09/2018.

4 Este material se baseia em pesquisa financiada pela National Science Foundation, Grant No. BCS-1664348. Agradecemos também o apoio da CAPES e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## 1.1 O povo wa'ikhana

O povo wa'ikhana (também conhecido como piratapuyo) vive na fronteira entre Brasil e Colômbia. Aproximadamente 75% da população reside na região do Alto Rio Negro, no município brasileiro de São Gabriel da Cachoeira no extremo noroeste da Amazônia brasileira (1325 indivíduos) e 25% no departamento de Vaupés na Colômbia (400 indivíduos)<sup>5</sup>. Seu território tradicional cobre parte do médio rio Papurí e seus afluentes, inclusive o igarapé Makú Paraná.



**Figura 1** – Mapa da região do Alto Rio Negro / Map of the Upper Rio Negro Region  
(EPPS & STENZEL, 2013: 10-11, com marcação nossa)

O número exato de falantes de wa'ikhana é desconhecido; entretanto, considera-se que a língua está em situação de ameaça, devido a mudanças sócio-históricas na região (STENZEL, 2005). A intensa migração de famílias wa'ikhana das suas aldeias originárias para lugares como a comunidade indígena de Iauaretê<sup>6</sup>, outras comunidades ao longo do Uaupés e também para as cidades de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel (ambas fora da TI Alto Rio Negro), bem como o uso crescente

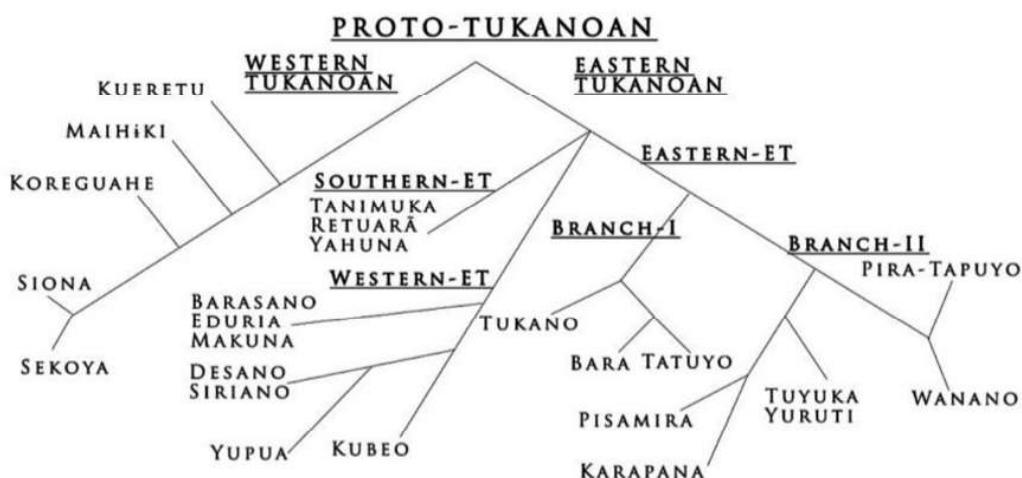
5 Fonte: Povos Indígenas do Brasil <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pira-tapuya>>, acessado 10/09/2018.

6 Originalmente uma aldeia Tariana, a partir do meio do século vinte, com a chegada da missão Salesiana e a construção de uma escola com internato, Iauaretê se tornou uma comunidade cada vez mais mista, e principalmente nas últimas três décadas, alvo de migração e moradia de famílias de muitos povos da região (em especial, os Wa'ikhana, Tukano, Kotiria e Desano). A língua indígena dominante em Iauaretê é tukano, língua franca da região, mas atualmente perdendo espaço para o português entre as gerações mais novas. Para maiores informações sobre esta “Cidade do Índio”, ver Andrello (2006).

da língua tukano como língua franca na região, são considerados alguns dos principais fatores que contribuem para o declínio do uso da língua wa'ikhana nas últimas três décadas.

## 1.2 A língua wa'ikhana

A língua wa'ikhana pertence à família linguística tukano oriental (TO), sub-ramo maior da família tukano e composta por dezesseis línguas ainda faladas, dentre elas barasana, desano, kotiria, kubeo, tukano e tuyuka (STENZEL, 2013: 3-4). Tipologicamente, línguas TO compartilham diversas características fonológicas, morfológicas e sintáticas (BARNES, 1999, 2006; GOMEZ-IMBERT, 2011; GOMEZ-IMBERT & STENZEL, aceito). A língua irmã geneticamente mais próxima de wa'ikhana é a língua kotiria (wanano), as duas compõe um sub-ramo específico, como mostra a figura 2.



**Figura 2 – Classificação da família tukano/ The Tukano Language Family**  
(CHACON, 2014: 282)

Entre as características fonológicas de wa'ikhana, assim como da maioria das línguas TO, importante de serem destacadas são a nasalidade, glotalização e tom suprasegmentais (STENZEL 2007a; STENZEL & DEMOLIN, 2013). Em línguas TO, o traço de nasalidade é associada no nível dos morfemas (lexicais e gramaticais) e não ao dos segmentos. Gomez-Imbert (2003: 4) em seu estudo sobre barasana, afirma que a nasalidade é um traço que se associa a unidades compostas por pelo menos dois segmentos que formam uma sílaba, sendo estes componentes de morfemas lexicais ou sufixos gramaticais. Portanto, no nível segmental, não existe contraste fonêmico entre segmentos orais e nasais como /b/ e /m/, como ocorre em línguas como português e francês. Em línguas TO, o contraste se dá entre *morfemas* orais e nasais, como /basa/ [bahsa] ‘dançar’ e /~basa/ [mâhsã] ‘gente’,

esta segunda sendo a realização da mesma sequência de segmentos no contexto de associação do traço [+nasal].

Neste artigo, identificamos os morfemas nasais na linha de segmentação morfológica (representando a forma subjacente) com o símbolo ~ antes da sequência de fonemas (orais) que compõe o morfema. Por exemplo, a palavra *maa* ‘igarapé’ é representada como ~*baa* nesta linha e o sufixo diminutivo *-gã*, como ~*ga*. Um pequeno conjunto de sufixos pode ter realização tanto nasal quanto oral em decorrência de um processo de espalhamento do valor oral/nasal do morfema anterior (GOMEZ-IMBERT, 2003: 5). Por exemplo, o sufixo *-do* ‘singular’, quando afixado à raiz nasal ~*dabo*, ‘mulher/esposa’, tem realização nasal [nõ] na forma pronunciada [nãmõnõ] (e similar representação ortográfica <namono>), mas a representação subjacente é ~*dabo-do*.

Wa'ikhana, assim como outras línguas TO, também possui tom como um traço suprassegmental. Em sua análise dos tons da língua Kotiria, Stenzel (2013: 49) descreve a distinção de tons alto (*high* – H) e baixo (*low* – L), em quatro melodias (H, HL, LH, LHL) associadas a raízes. Cada palavra fonológica permite apenas uma subida para o nível do tom alto e há espalhamento do último tom da melodia da raiz inicial (a unidade morfológica mais à esquerda) até a margem direita da palavra fonológica. Portanto, se a raiz lexical tem um padrão tonal LH, este último tom se espalhará pelos morfemas afixados até o final. Como a maioria das raízes têm apenas duas vogais (unidade ao qual o tom é associado), em raízes com padrão tonal LHL, o último tom só se revela no morfema afixado, com espalhamento do tom L até o final da palavra fonológica. Sendo assim, a diferença entre raízes LH e LHL só se evidencie no processo de composição morfológica (STENZEL, 2013: 50-53). Indicamos tom nos dados também na linha de representação subjacente (‘ indica tom alto, tom baixo não é marcado).

A ordem básica de constituintes na cláusula em wa'ikhana é objeto-verbo (OV), e a posição do sujeito depende da estrutura de informação no contexto discursivo. Sujeitos que representam referentes novos (e que são normalmente elementos em foco) tendem a ocorrer no início na cláusula, produzindo ordem SOV. No entanto, quando o sujeito já é conhecido, representando informação velha (que ainda pode ser topical, porém não necessariamente sendo o elemento em foco), se for pronunciado, aparece na maioria dos casos depois do verbo, resultando em ordem OVS, como vemos com o pronome *yñ'ñ* nas linhas (22) e (45). Mais comum ainda é o sujeito conhecido se tornar elemento nulo. Um exemplo claro nesta narrativa se inicia na linha (16), onde ocorre a primeira menção do protagonista *buu* ‘cotia’, este sujeito aparecendo no início da cláusula. A partir desta introdução, o mesmo protagonista

se torna oculto — um argumento nulo, porém entendido — nas linhas (21), (22) e (26) (ver também discussão em STENZEL, 2015).

Wa'ikhana tem alinhamento sintático nominativo-acusativo. O sujeito dos verbos intransitivos e transitivos não recebe marca morfológica e sua posição linear na cláusula pode variar, como mencionado acima. Já o objeto (direto) do verbo transitivo quase sempre ocupa a posição imediatamente antes do verbo e, se for referencial, recebe o morfema *-de*. Stenzel (2008a: 9-11) afirma que em kotiria um nome na posição pré-verbal em uma oração transitiva é interpretado como o argumento objeto mesmo se não tiver o morfema *-re* (morfema cognato do wa'ikhana *-de*), o que aponta ordem linear OV como um fator relevante na interpretação de relações gramaticais mesmo na ausência de marcação morfológica. Os objetos indiretos — por serem sempre referenciais — são também sempre marcados por *-re(-de)*, mas nem todos os objetos diretos o são; nomes, tanto animados quanto inanimados, que são genéricos ou não específicos não recebem o morfema *-re(-de)*.

Nossos dados de wa'ikhana corroboram essa análise. Na linha (18) da narrativa, por exemplo, vemos um caso de um objeto indefinido *kasolio* 'jirau' sem o morfema *-de*. Já em (32), o nome *~ebo* 'macaco-guariba' recebe o morfema *-de*, pois o narrador já o havia mencionado anteriormente no texto (na linha 28), o que o torna um referente específico no contexto discursivo. O morfema *-de* também é usado em casos como (4) e (36), em que o nome marcado não é um argumento "interno" típico (objeto direto, paciente), mas é especialmente referencial no evento da cláusula.

Assim como em outras línguas TO, verbos em wa'ikhana podem receber diferentes morfemas de modo, negação, pessoa, aspecto e "modalidade da cláusula". As diferentes classes de morfemas de modalidade da cláusula ocorrem em posição final e em distribuição complementar. Os verbos finitos recebem obrigatoriamente um morfema de uma das categorias de modalidade da cláusula, marcando a frase como declaração *realis* ou *irrealis*, interrogativa ou diretiva. Cada um desses tipos de cláusula apresenta um conjunto de morfemas específicos e juntos formam um único paradigma maior de marcadores mutualmente exclusivos (STENZEL, 2008b: 408).

Declarações do modo *realis*<sup>7</sup> são marcadas por um tipo específico de sufixos de modalidade da cláusula: os evidenciais, categoria gramatical que, segundo Aikhenvald (2004: 1), indica a fonte

7 Givón (2001) propõe que a modalidade pode ser expressa através dos modos *realis* e *irrealis*, os quais são definidos respectivamente como "(...) uma ação cuja ocorrência é asseverada como correspondendo a um evento real [e] uma ação que não ocorreu ou que é apresentada como tendo ocorrido num mundo contingente, ou ainda é um evento hipotético" (CUNHA, OLIVEIRA & MARTELOTTA 2015: 29).

de informação na qual o falante baseia sua afirmação sobre o evento declarado. Em wa'ikhana, identificamos quatro tipos de evidência: VISUAL, PRESUMIDO, INFERENCIAL e REPORTADO (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 365). Os evidenciais da categoria VISUAL também marcam aspecto epessoa (com paradigma primeira pessoa/não-primeira pessoa). O aspecto indicado pelos evidenciais não corresponde ao aspecto do evento da cláusula (o qual pode ser indicado por outros recursos morfológicos), mas sim ao acesso do falante à fonte de informação do evento declarado. Portanto, evidenciais no aspecto perfectivo indicam que o falante não tem mais acesso a essa fonte de informação, e evidenciais no aspecto imperfectivo indicam que o falante ainda tem acesso a essa fonte (ver nota 45 e STENZEL, 2008b: 413).

Como a presente narrativa é um relato pessoal, os marcadores evidenciais mais usados são da categoria VISUAL, perfectivo, indicando que o falante viu ou experienciou o que está sendo relatado (mas que o acesso a tais fontes de informação já cessou). No entanto, ocorrem também alguns casos de falas marcadas com morfemas das categorias PRESUMIDO e INFERENCIAL. Os evidenciais da categoria PRESUMIDO são usados em declarações baseadas em evidência não observável externamente, mas adquirida por uma experiência prévia ou internalizada por ser um conhecimento sobre o mundo compartilhado pelos interlocutores presentes ou na sociedade de forma mais geral (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 369). Na linha (4), por exemplo, o narrador afirma que ele também tem uma história para contar, marcando sua frase com um sufixo desta categoria, pois trata-se de informação consensual entre ele e o grupo presente (todos chamados por terem histórias para contar) por compartilharem experiências ou conhecimentos coletivos anteriormente adquiridos.

Os evidenciais nas línguas TO marcam declarações do modo *realis*; no entanto, a categoria PRESUMIDO em algumas línguas parece ocupar um terreno transitório entre modos *realis* e *irrealis* (STENZEL, 2008b: 425). Assim como em kotiria (STENZEL, 2013: 252), em wa'ikhana há um sufixo modal dubitativo *-bo*, que pode ocorrer em frases com marcadores da categoria PRESUMIDO para indicar que o falante não tem certeza do que está sendo afirmado ou que se trata de uma hipótese ou possibilidade. Desse modo, *-bo* marca um comprometimento atenuado do falante com a veracidade de sua asserção, que na visão de Givón (2001: 313) já pertence ao modo *irrealis*. Em frases declarativas, este morfema dubitativo ocorre apenas em conjunto com evidenciais PRESUMIDO e INFERENCIAL, o que indica que tais categorias de evidência poderiam transitar nos dois modos – *realis* e *irrealis*. Na linha (31), por exemplo, vemos uma frase com evidencial PRESUMIDO e o dubativo *-bo*, indicando sua caracterização como uma possibilidade/hipótese.

O evidencial INFERENCIAL em wa'ikhana é o único que não tem forma sufixal simples. Ele consiste em uma construção sintática na qual “o verbo semanticamente pleno é nominalizado pelo sufixo nominalizador genérico *-di* e funciona como o complemento da cópula *ihī*, que recebe o sufixo do evidencial VISUAL<sup>8</sup>” (CEZARIO, BALYKOVA & STENZEL, 2018: 216). Este evidencial indica que a fonte de informação do evento declarado é indireta, tratando-se de uma inferência feita a partir de uma constatação visual de algum indício ou consequência daquele evento. “Portanto, o falante não teve acesso visual *direto* (como participante ou testemunho presencial) ao evento, e sim a seus resultados, que lhe permitem inferir o evento” (*op.cit*, p. 217). Na narrativa apresentada, casos de uso desse evidencial ocorrem nas linhas (35) e (36), quando o narrador afirma que o macaco guariba (parecia que) não estava *cantando* e sim, *gritando* (de medo de um gavião ameaçador). Neste momento da história, o narrador infere a diferença apenas ouvido os gritos desesperados do animal e vendo o gavião enorme que lhe importa tanto medo, assim justificando o uso do INFERENCIAL para expressar sua conclusão.

Na linha (29), há a ocorrência da cópula *ihī* marcado com o morfema *-d̄u*. Em análises recentes, notamos que esse morfema ocorre quando o sujeito de primeira pessoa singular não tem um papel agentivo no evento declarado, não há volição do falante na ação/evento, mas é quem sofre ou é afetado pelo contexto ou os resultados do evento. Em (29), o falante é quem sofre o efeito de “estar entre duas coisas”, querendo dizer que a situação o colocou em um estado de dúvida sobre qual animal deveria matar — a cutia ou o macaco — como ele explica nas linhas seguintes. O uso do morfema *-d̄u* indica que este estado de dúvida foi imposto contextualmente, sendo algo que ocorreu com ele independentemente da sua vontade. O morfema *-buhu* (encurtado para *-bu* em (2)) nos parece ser usado com o mesmo sentido de “afetado” com sujeitos não-1SG, (ver também linhas (9), (36) e (41)).

A cópula wa'ikhana *ihī*<sup>9</sup> têm uma forma diferente das cópulas encontradas em grande parte das línguas TO, com padrão *~(a)di* (GOMEZ-IMBERT & STENZEL, a sair). No entanto, em wa'ikhana existe um auxiliar *~dii* que faz parte da construção que indica aspecto progressivo e que parece ser cognato da cópula *~(a)di* encontrada em outras línguas TO. Isso sugere que, diacronicamente, havia

8 Em Kotiria, há essa mesma construção para evidenciais inferenciais e, além de sufixos finais da categoria VISUAL, a cópula *hi* pode ocorrer com sufixos da categoria PRESUMIDO (rotulado como ASSERTION em STENZEL, 2008b: 419). Levando em conta a proximidade entre essas duas línguas, é provável que marcadores da categoria PRESUMIDO também possam ocorrer nesta posição em wa'ikhana; no entanto, os dados considerados nesta língua até então mostram apenas marcadores VISUAL fechando a construção.

9 Cujo cognato em kotiria é *hi*. A hipótese aqui apresentada diz respeito à origem desta forma copular no proto wa'ikhana-kotiria (ver STENZEL, 2018).

uma cópula *~dii* também em wa'ikhana que foi reanalisada como auxiliar na sincronia, concomitante ao surgimento de uma nova forma copular. Stenzel (2018: 185-188) postula o surgimento das cópulas *ih/ihi* em wa'ikhana e kotiria decorrente de um processo de gramaticalização do verbo *duhi* ‘sentar/estar sentado’. É tipologicamente comum cópulas se originarem de verbos de posição (HEINE & KUTEVA, 2002: 278), e é notável que a raiz *duhi* ainda é usada não só para indicar posição física como também aspecto “durativo” em construções com verbos serializados. Nestas, raízes de uso muito frequente tendem a sofrer erosão fonética, como é o caso de *wa'a* ‘ir’, que muitas vezes quando serializada se torna apenas *a*, e *esa* ‘chegar’, encurtada a *sa*. Portanto, postulamos um processo de redução fonológica de *duhi* para (*i*)*hi* (com cópia da segunda vogal em wa'ikhana por processo de harmonia vocalica) no contexto de serialização, paralela à sua reanálise para funções copulares. Na narrativa, encontramos casos reveladores com o verbo *duhi* nas linhas (9) e (40), onde a relação entre sua semântica posicional e copular é evidente, reforçando a hipótese de ser *duhi* a origem da cópula *ih/ihi*.

Em wa'ikhana há amplo uso de processos de nominalização em vários contextos morfossintáticos. Nominalizadores que concordam com o sujeito, e.g. *-go* ‘1/2SGF’, *-(g)u/-i* ‘1/2SGM’, e *-do* ‘3SG’ são usados em subordinadas e construções com complementos verbais nominais (ver linhas (19) e (21)), enquanto nominalizadores mais genéricos, como *-di* e *-ye* ocorrem em derivações lexicais, e.g. *~si'di* ‘beber’ → *~si'di-ye* ‘bebida’, e também em algumas construções verbais, inclusive no evidencial INFERENCIAL mencionado acima.

Assim como em outras línguas TO, a serialização de raízes verbais é um processo muito produtivo em wa'ikhana (STENZEL, 2007b: 275). Verbos serializados podem ser definidos como “uma sequência de vários verbos que atuam juntos como um predicado simples” (MARTINS, 2004: 621) e em wa'ikhana, é comum encontrar duas raízes (ou mais) na composição de uma única radical verbal. Serializações podem ocorrer para formar uma co-lexicalização, para marcar aspecto/tempo, parar indicar marcação dêitico-direcional, entre outras funções (GIVÓN, 1991: 82-83). Em (14) há um exemplo de serialização com o verbo *duku* ‘estar em pé’, que, quando encontrado em segunda posição de uma construção de raízes serializadas, indica aspecto continuativo. Assim, em (14), o verbo *ya'u* ‘falar’ serializado com *duku* deriva a noção de ‘falar durante um tempo’, ou seja, conversar ou contar (ver também seu uso em (1), indicando ‘gritar repetidamente/continuamente’). Já em (33), uma serialização é usada para indicar movimento associado. Neste momento da história, o narrador desce da plataforma onde estava esperando a cutia aparecer (para caçá-la) e vai entrando no mato, seguindo o barulho do macaco. A ideia de um processo único de ‘entrar no mato, ouvindo o barulho/

segundo na direção do barulho' é construído pela serialização das raízes *tu'o* 'escutar' e *sua* 'entrar no mato'.

## 2. Sobre a narrativa e a análise

A presente narrativa é um relato pessoal do falante wa'ikhana Tomás Nogueira, na ocasião da gravação, 10 de abril de 2006, com cerca de 40 anos de idade. Depois de se apresentar e comentar a situação (um tanto quanto estranha) de ter sido chamado, junto com um pequeno grupo, para contar histórias para uma linguista, Tomás nos fala da vez em que ele foi à roça pretendendo caçar uma cutia que estava comendo e destruindo sua plantação de maniva. Lá, espreitando de cima de uma plataforma com sua espingarda, ele ouve o grito de um macaco guariba. Sendo caçador pragmático, Tomás fica em dúvida se continua esperando a cutia (que podia ou não aparecer naquele dia) ou se vai atrás do macaco (que ele sabe estar na vizinhança). Ele decide ir atrás do guariba; no entanto, ao chegar mais perto, ele percebe que o animal é muito grande e, portanto, não vai ser derrubado pelo tipo de munição que ele tem (um cartucho com pequenas pelotas de chumbo, e não uma bala "legítima"). Por fim, Tomás acaba voltando para casa sem caça nenhuma. A análise final da narrativa foi feita com a ajuda de dois consultores wa'ikhana, Srs. Dionísio Nogueira e Edgar Cardoso, durante viagem de campo em São Gabriel da Cachoeira em abril-maio de 2018.

## WA'IKHANA

**WEHSEPʉ BUUDE WEHēGʉ EHSAMII  
EMO SAÑODUKUGʉ TU'OSUAʉ**

*I WENT TO THE GARDEN TO HUNT THE AGOUTI. HEARING A MONKEY CRY IN  
THE FOREST, I WENT AFTER IT.*

### Introduction

*Wehsepʉ buude wehēgʉ ehsamii. Emo sañoduhkugʉ tu'osuaʉ* ‘I went to the garden to hunt the agouti. Hearing a monkey cry in the forest, I went after it’ is a personal narrative told by Tomás Nogueira, a Wa’ikhana man from the village of São Paulo, known in Wa’ikhana as *Sanakohpedi*, and located on the Papurí river in the Alto Rio Negro Indigenous Land in northwestern Amazonia. The narrative was recorded in audio-visual format in Iauaretê, a mixed indigenous community at the confluence of the Papurí and Vaupés rivers, a target of intense migration of Wa’ikhana families over the past thirty years (STENZEL, 2005). The three-minute-long recording was made on April 10, 2006 and is part of the *Wa'ikhana Linguistic and Cultural Archive* (ELAR/SOAS),<sup>10</sup> collected by Kristine Stenzel between 2005 and 2010. The transcription, translation, and analysis of the text was done with the help of Wa’ikhana speaker-consultants Dionísio Nogueira and Edgar Cardoso during fieldwork April and May of 2018.<sup>11</sup>

In section 1.1 of this article we present relevant information on the sociohistorical situation of the Wa’ikhana people, followed by a brief typological profile of the language in which we call attention to some of its most important phonological and morphosyntactic features (section 1.2). Section 2 offers some brief comments on the narrative, the narrator, and our analysis, while section 3

10 <https://elar.soas.ac.uk/Collection/MPI944429>, accessed 03/09/2018.

11 This material is based upon work supported by the National Science Foundation under Grant No. BCS-1664348. We also gratefully acknowledge support from CAPES and the Federal University of Rio de Janeiro Graduate Program in Linguistics.

has our complete interlinear analysis of the text.

## 1.1 The Wa'ikhana people

The Wa'ikhana (also known as Piratapuyo) are a binational people. Approximately 75% of the ethnic population lives in the Upper Rio Negro region, in the municipality of São Gabriel da Cachoeira in the extreme northwestern part of the Brazilian state of Amazonas (1325 individuals), and 25% in the Colombian Departamento of Vaupés (400 individuals<sup>12</sup>). Their traditional territory covers part of the middle Papuri river and its tributaries, including the Makú Paraná.

Figure 1 shows the location of the Wa'ikhana within the Upper Rio Negro region. The exact number of speakers is unknown; however, the language should be considered extremely endangered, due to language shift and observed decline of intergenerational transfer of the language to the current younger generations (STENZEL, 2005). The intense migration of Wa'ikhana families from their traditional villages to communities such as Iauaretê,<sup>13</sup> and other villages downriver on the Vaupés, as well as to the cities of São Gabriel da Cachoeira and Santa Isabel (both outside the Alto Rio Negro Indigenous Land), alongside increasing use of Tukano as a regional lingua franca have also contributed to declining use of Wa'ikhana in the last three decades.

## 1.2 The Wa'ikhana language

Wa'ikhana belongs to the East Tukano (ET) branch of the Tukano family, composed of sixteen still-spoken languages including Barasana, Desano, Kotiria, Kubeo, Tukano and Tuyuka (STENZEL, 2013: 3-4). Typologically, ET languages share diverse phonological, morphological and syntactic features (BARNES, 1999, 2006; GOMEZ-IMBERT, 2011; GOMEZ-IMBERT & STENZEL, to appear). Kotiria is the sister language genetically closest to Wa'ikhana, and together, these compose a lower sub-branch, as we see in figure 2.

---

12 Source: Povos Indígenas do Brasil <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pira-tapuya>>, accessed 10/09/2018.

13 Originally a Tariana village, during the twentieth century, with the arrival of the Salesian mission and construction of a boarding school, Iauaretê evolved into a much larger and increasingly mixed community. Especially over the past three decades, it has become home to many families from the region of different ethnicities (in particular, Wa'ikhana, Tukano, Kotiria and Desano). The dominant indigenous language in Iauaretê is Tukano, a regional lingua franca, but even this is losing ground to ever-growing use of Portuguese among the younger generations. For more information on this “Indigenous City” see Andrello (2006).

Similar to most other ET languages, the most important phonological characteristics of Wa'ikhana include suprasegmental nasalization, glottalization and tone (STENZEL 2007a; STENZEL & DEMOLIN, 2013). In ET languages, nasalization is associated at the level of the morpheme (lexical or grammatical), rather than of the segment. Gomez-Imbert (2003: 4), in her analysis of Barasana, argues that nasality attaches to units composed of at least two segments, be these syllable components of lexical roots or grammatical affixes. Thus, at the segmental level, there is no phonemic contrast between oral and nasal segments such as /b/ and /m/, as occurs in languages like Portuguese or English. In ET languages, contrast occurs between oral and nasal *morphemes*, such as /basa/ [bahsa] 'dance' and /~basa/ [māhsā] 'people/beings', this later being the nasal realization of the same sequence of segments in the context of association of the [+nasal] feature value.

In this article, we identify nasal morphemes in the morpheme line (representing the underlying form) with the ~ before the sequence of (oral) segments that compose the morpheme. For example, the word *maa* 'stream' is represented as ~*baa* in this line and the diminutive suffix -*gã* as ~*ga*. A small group of suffixes may have either nasal or oral realizations depending on processes that spread the [±nasal] value of the previous morpheme (GOMEZ-IMBERT, 2003: 5). For example, the suffix *-do* 'singular' when affixed to the nasal root ~*dabo*, 'wife', has nasal realization [nõ] in the sequence [nãmõnõ] (and similar orthographic representation as <namono>), but the underlying representation is ~*dabo-do*.

Wa'ikhana, as with other ET Languages, also has suprasegmental tone. In her analysis of Kotiria, Stenzel (2013: 49) describes a distinction of *high* (H) and *low* (L) tones, in four tonal melodies (H, HL, LH, LHL) associated to roots. Each phonological word permits only one rise to H and there is spreading of the final tone of the initial root melody (the left-most morphological element) through the right margin of the phonological word. Thus, if a lexical root has a LH melody, this final H will spread to all morphemes through the end of the word. Since most roots have only two vowels (the tone-bearing units), in roots with LHL melodies, the final L tone is only revealed on attached morphemes, spreading L tone to the end of the phonological word. As such, the difference between LH and LHL roots is only evident through morphological composition (STENZEL, 2013: 50-53). We indicate tone in the morpheme line, using the acute accent ' mark for H tone and leaving L tone unmarked.

The basic order of clause constituents in Wa'ikhana is Object-Verb (OV), and the position of the Subject varies according to information structure considerations in discursive context. Subjects

that represent new referents (which are also normally focal constituents) tend to occur in clause-initial position, producing SOV order. However, when the subject is known, representing old information (which may be an ongoing topic, but not necessarily a focal element), if overtly pronounced, will normally occur after the verb, resulting in OVS, as in the case of the pronoun *yū'ū* in lines (22) and (45). More commonly, a known subject becomes a null element. A clear example of this in the narrative begins with line (16), where we see the first mention of the *buu* 'agouti' protagonist, as a subject occurring clause-initially. After this introduction, the same protagonist is no longer overtly mentioned, but becomes a null argument, though still recoverable from the context, in lines (21), (22) and (26) (see discussion in STENZEL, 2015).

Wa'ikhana has nominative-accusative syntactic alignment. Subjects of transitive or intransitive verbs are morphologically unmarked and variably positioned, as described above. Syntactic (direct) objects of transitive verbs, on the other hand, are almost always positioned directly preceding the verb, and if they are referential, they are marked by the suffix *-de*. Stenzel (2008a: 9-11) argues that in Kotiria, a noun in preverbal position in a transitive clause is interpreted as the object argument, even if it is unmarked by *-re* (cognate of Wa'ikhana *-de*), which points to OV order as a relevant factor in the interpretation of grammatical relations, even in the absence of morphological marking. Indirect (second) objects – being canonically referential – are always marked by *-re/-de*, but the same is not the case with direct objects; nouns, whether animate or inanimate, that have generic or non-specific referents do not take the *-re/-de* morpheme.

Our Wa'ikhana data support this analysis. In line (18) of the narrative, for example, we see a case of an indefinite object *kasolio* 'platform' unmarked by *-de*. In contrast, in (32), the noun *~ebo* 'howler monkey' takes the *-de* morpheme, since the narrator had mentioned it previously (in line 28), establishing it as referential within the discourse context. The morpheme *-de* is also used in cases such as we see in (4) and (36), where the marked nouns are not typical (direct object, patient-like) arguments of a transitive verbs but are still especially referential to the clausal event.

As is the case in other ET languages, verbs in Wa'ikhana can receive overt marking for modality, negation, person, aspect and “clause modality”. Finite verbs obligatorily take one of the clause modality morphemes, which occur in final position and form paradigms of mutually exclusive markers, indicating the sentence to be a *realis* or *irrealis* statement, a question, or a directive (STENZEL, 2008b: 408).

Statements in *realis*<sup>14</sup> mood are marked by a specific set of clause modality markers: evidentials, a grammatical category that according to Aikhenvald (2004: 1), indicates the information source underlying a speaker's knowledge of the declared event. In Wa'ikhana, we identify four evidential categories: VISUAL, PRESUMED, INFERENCE and REPORTED (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 365). Markers in the VISUAL category additionally code aspect and person (in a first/non-first paradigm). The aspectual distinctions made in these evidentials do not correspond to the predicate-event itself (this is accomplished by other morphological means) but indicate ongoing (or not) access to the information source on the part of the speaker. Thus, evidentials with perfective aspect indicate that the speaker no longer has access to the information source and those that have imperfective aspect indicate continued access (see footnote 45 and STENZEL, 2008b: 413).

Since the present narrative is a personal story, the evidential markers used most are those of the VISUAL category, with perfective aspect, indicating that the speaker saw or experienced what he is relating (but that there is no ongoing access to that information/situation). Nevertheless, there are also instances of sentences that take markers from the PRESUMED or INFERENCE categories. PRESUMED markers are used in statements based on evidence that is not externally observable, rather it was acquired by previous experience or has been internalized as knowledge shared with interlocutors present or within society in general (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018: 369). In line (4), for example, the narrator states that he too has a story to tell, marking his statement with a suffix from the PRESUMED category, as this is consensual information within the group that was present and with whom the speaker shares previously acquired knowledge and experience.

Evidentials in ET languages occur canonically in *realis* mood; however, the PRESUMED category in some languages seems to occupy a transitional territory between *realis* and *irrealis* (STENZEL, 2008b: 425). As in Kotiria (STENZEL, 2013: 252), Wa'ikhana has a dubitative modal marker *-bo*, which can occur in sentences with markers from the PRESUMED category to indicate that the speaker is less certain about the asserted information, marking it as a possibility or hypothesis. In this way, *-bo* indicates attenuated responsibility on the part of the speaker for the truth value of the statement, which according to Givón (2001: 313) characterizes the realm of *irrealis*. In declaratives, this dubitative morpheme can only occur with PRESUMED or INFERENCE evidentials, indicating that these categories

14 Givón (2001) proposes a *realis* / *irrealis* distinction in modality, spheres respectively defined as “(...) an action whose occurrence is asserted as corresponding to a real event [and] an action that did not occur or that is presented as occurring in a contingent world or as a hypothetical” (CUNHA, OLIVEIRA & MARTELOTTA 2015: 29).

may occupy a gray area between *realis* and *irrealis*. Line (31), for instance, is a sentence with the dubitative *-bo* and a PRESUMED evidential, indicating its speculative nature.

INFERENCE is the only evidential category in Wa'ikhana that is not expressed by a suffix, but by a syntactic construction in which “the semantically prominent verb is nominalized by the generic nominalizer suffix *-di* and functions as a complement to the (auxiliary) copula *ihi*, which itself takes VISUAL markers”<sup>15</sup> (CEZARIO, BALYKOVA & STENZEL, 2018: 216, our translation). This construction indicates an indirect source of information leading to an inference derived from visual perception of some indication of the event or its consequences. “Thus, the speaker did not have *direct* visual access (as participant or witness) to the event, but to its results, which permit inference of its happening” (*op.cit*, p. 217, our translation). In the narrative, cases of use of the INFERENCE construction occur in lines (35) and (36), when the narrator states that the howler monkey was (apparently) not howling (“singing”), but *screaming* (in fear, because of a predator hawk). At this point in the narrative, the speaker infers this conclusion about the nature of the monkey’s cries only when he sees the large hawk, justifying use of the INFERENCE construction.

In line (29), we see the copula *ihi* marked by the morpheme *-d̄t̄*. In recent analyses, we note use of this morpheme when a first-person singular subject does not have an agentive role in the event, when there is no volitivity, and when it is the speaker who suffers or is directly affected by the event. In (29), it is the speaker who suffers the situation of “being between two things/options”, referring to the situation in which he was not sure which animal, the agouti or the monkey, he should try to hunt, a choice he clarifies in the ensuing lines. Use of the morpheme *-d̄t̄* indicates that this state of doubt arose from circumstances independent of his own will. The morpheme *-b̄uh̄* (shortened to *-b̄t̄* in (2)) appears to be used with the same “affected” semantics when the subject is non-1SG, (see also lines (9), (36) and (41)).

The Wa'ikhana copula *ihi*<sup>16</sup> has a different form from most of the copulas found in ET languages, with *~(a)di* shape (GOMEZ-IMBERT & STENZEL, to appear). However, Wa'ikhana does have an auxiliary verb *~dii* in the progressive construction that appears to be a cognate of the *~(a)di* copula

15 Kotiria has a similar construction for inferential evidence, and besides final suffixes from the VISUAL category, the copula *hi* may take PRESUMED (labeled as ASSERTION in STENZEL, 2008b: 419). Taking the proximity of these two sister languages into account, it is likely that PRESUMED markers can occur in the same position in Wa'ikhana; however, we have found no examples of this in our data so far.

16 The cognate form in Kotiria is *hi*. The hypothesis presented here points to a common origin of the new copular form in proto Wa'ikhana-Kotiria (see STENZEL, 2018).

found in sister languages. This suggests that diachronically, Wa'ikhana also had a ~*dii* copula that underwent reanalysis, functional shift, and limitation to status as an auxiliary verb, alongside the development of a new copular form. Stenzel (2018: 185-188) postulates the rise of the copulas *ihi/hi* in Wa'ikhana and Kotiria as the result of grammaticalization of the verb *duhi* 'sit/be sitting'. Copulas originating from position verbs are typologically attested (HEINE & KUTEVA, 2002: 278), and it is notable that the root *duhi* is still used not only to indicate position, but also "durative" aspect in serial verb constructions. In these, commonly used roots often undergo phonetic erosion, as is the case with the root *wa'a* 'go', which when serialized is often reduced to *a*, and *esa* 'arrive', reduced to *sa*. Thus, we postulate a process of phonological reduction from *duhi* to (*i*)*hi* (with copying of the vowel in Wa'ikhana as a result of vowel harmony) in the context of serialization, with concomitant reanalysis to broader copular functions. In the narrative, we find revealing instances of the verb *duhi* in lines (9) and (40), where the relation between its positional and copular semantics is evident, reinforcing the hypothesis of *duhi* as the origin of copula *ihi*.

Wa'ikhana makes ample use of nominalization processes in many morphosyntactic contexts. Nominalizers that index the grammatical subject, e.g. *-go* '1/2SGF', *-(g)u/-i* '1/2SGM', and *-do* '3SG' are used in subordinate clauses and constructions with nominalized verbal complements, seen in lines (19) and (21), while more generic nominalizers, such as *-di* and *-ye* are more frequent in lexical derivations, e.g. *~si'di* 'to drink' → *~si'di-ye* '(something one) drinks', as well as in some verbal constructions, including the INERENCE construction mentioned earlier.

As is the case in all ET languages, serialization of verb roots is very productive in Wa'ikhana (STENZEL, 2007b: 275). Serialized verbs can be understood as "a sequence of verb roots that act together as a single predicate" (MARTINS, 2004: 621). Thus, in Wa'ikhana, two (or more) roots can form a single verbal stem. Serializations can result in co-lexicalization (a new lexical item whose meaning is not directly derivable from its parts), to mark tense/aspect, or to indicate deixis/direction (associated motion), among other functions (GIVÓN, 1991: 82-83). In (14) we see a serialization with the root *duku* 'stand/be standing', which, when occupying the second position in a serialization, indicates continuative aspect. Serialized with *ya'u* 'speak/tell' in (14), it derives the notion of 'continuous speech', to converse or tell a story (see another serialization with *duku* in (1), indicating 'scream repeatedly/continuously'). In (33), we see a case of a serialization indicating associated motion. At this point in the narrative, the speaker is describing how he got down from the platform where he was waiting for the agouti to appear (to hunt it) and goes off into the forest, following the sound of the monkey. The notion of simultaneous 'listening to/following the sound while going into

the jungle' is expressed through serialization of the roots *t<sup>h</sup> o* 'hear/listen' and *sua* 'enter/pass through the jungle'.

## 2. About the narrative and our analysis

This narrative is a personal story told by the Wa'ikhana man Tomás Nogueira, some forty years of age at the time of the recording, on April 10, 2006. After introducing himself and commenting on the (somewhat strange) situation of having been invited, along with a small group of friends, to tell stories to a linguist, Tomás recounts the time he went to his garden plot hoping to hunt an agouti that was eating and ruining his manioc plants. There, atop a platform he had constructed so that he could await the animal's arrival, he hears the cry of a howler monkey. Being a pragmatic hunter, he is put in the position of having to choose between waiting for the agouti to appear (which it might or might not) or hunting the monkey (which he can hear is close by). He opts to try his luck going after the monkey, but when he gets closer, he sees that the animal is very large and will not be taken down by the type of ammunition he has in his gun (a shell with buckshot, not a "legitimate" bullet). In the end, Tomás heads home with no game at all.



**Figura 3** – A sessão de gravação em Iauaretê,  
10 de abril de 2006



**Figura 4** – Thomás Nogueira



**Figura 5** – Edgar Cardoso, Dionísio Nogueira e Bruna  
Cezario, em São Gabriel da Cachoeira, maio de 2018

### 3. Wehsep<sup>u</sup> buude wehēgu ehsamii emo sañoduhkug<sup>u</sup>'u tu'osua'u

‘Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás’

‘I went to the garden to hunt the agouti. Hearing a monkey cry in the forest, I went after it’

(1) *wehsep<sup>u</sup> buure wehēgu ehsamii, emo sañoduhkug<sup>u</sup> tu'osua<sup>u</sup>*<sup>17</sup>

wesé<sup>18</sup>-p<sup>u</sup> buú-de ~wehé-g<sup>u</sup> esá-~bi-i  
roça-LOC cutia-OBJ matar-1/2SGM chegar-FRUS-1/2SGM

~ebó ~sayú-duku-~g<sup>u</sup> tu'ó-súá-í  
macaco.guariba grito-estar.em.pé-SWRF escutar-entrar.no.mato-1.VIS.PFV

‘Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás.’

‘I went to the garden to hunt the agouti. Hearing a monkey cry in the forest, I went after it.’

17 Os dados são apresentados em formato interlinear com linhas representando: 1. Forma ortográfica; 2. Forma morfológica subjacente com segmentação e algumas informações fonológicas: os morfemas inherentemente nasais são precedidos por ~; tom alto é marcado com acento agudo e tom baixo não-marcado; 3. Linha de glosas correspondentes a cada morfema da linha 2 (a lista de abreviações das glosas não-padrão encontra-se no fim do artigo); 4-5. Traduções livres em português e inglês.

Data are presented in five lines: 1. Orthographic form; 2. Underlying morphological form with segmentation and some phonological information: inherently nasal morphemes are preceded by ~; high tone is marked by the acute accent mark and low tone is unmarked; 3. Gloss line (with non-standard forms listed at the end of the article); 4-5. Translations in Portuguese and English.

18 Raízes com consoante surda medial têm pre-aspiração, traço alofônico, porém extremamente saliente. A pedido dos falantes, representamos essa aspiração na forma ortográfica, mas omitimos na forma subjacente, e.g. na linha (1) <wehse> vs. *wese* ‘roça’, <ehsa> vs. *esa* ‘chegar’ e <duhku> vs. *duku* ‘estar em pé’.

Roots with unvoiced medial consonants are pre-aspirated, an allophonic but extremely salient feature. At speakers' request, we represent this aspiration in the orthographic form, but omit it from the underlying forms, e.g. in line (1) <wehse> vs. *wese* ‘garden’, <ehsa> vs. *esa* ‘arrive’ and <duhku> vs. *duku* ‘standing’.

(2) *yut'ut<sup>19</sup> mali o'õ me'nagã ihibuna*, como quatro ou cinco pessoa<sup>20</sup>

*yut'ut* ~*badí* ~*o'õ* ~*be'é-~dá-~gá*  
1SG 1PL.INCL DEIC.PROX ser.pouco-PL-DIM

*ihí-bu(hu)-~da* como quatro ou cinco pessoa  
COP-AFFECT-PL

‘Eu, nós estamos aqui, pouca gente, como quatro ou cinco pessoas.’

‘I, we’re here, just a few people, like four or five.’

(3) *ihidogâle tikodo<sup>21</sup> o'õsaa kihtide tikodo ka'meno kahtamahape*

*ihí-dó-~gá-dé* *tí-kó-dó* ~*o'õ-sáá<sup>22</sup>* *kití-dé* *tí-kó-dó*  
COP-SG-DIM-OBJ ANPH-FEM-SG DEIC.PROX-assim história-OBJ ANPH-FEM-SG

*kití-dé* *tí-kó-dó* ~*ka'bé-dó* *katá-~báhá-pe<sup>23</sup>*  
história-OBJ ANPH-FEM-SG precisar/querer-SG pedir.para.ouvir?-?CONTR

‘E neste momento, ela (Kristine) quer ouvir pequenas histórias desse jeito.’

‘And right now, she (Kristine) wants to hear little stories like this.’

19 Adotamos uso do grafema <u>, tanto na ortografia quanto na linha de representação morfológica; este símbolo corresponde à realizações fonéticas [i, u].

We use the grapheme <u> in both the orthographic and morphemic representations; it corresponds to phonetic [i, u].

20 É frequente o uso de português na expressão de números exatos (principalmente acima de quatro), dias da semana, como em (7), e outros conceitos não-indígenas.

Use of Portuguese is common for exact numbers (especially over “four”), days of the week, as in (7), and other non-indigenous concepts.

21 Para os falantes de wa'ikhana de comunidades diferentes, o fonema /d/ em posição não-inicial alterna entre pronuncias [d] ~ [f]. Para Tomás, a pronuncia com [d] em palavras como *tikodo* é mais frequente.

Wa'ikhana speakers from different communities vary pronunciation of the phoneme /d/ in word-internal position:[d] ~ [f]. For Tomás, pronunciation as [d] in words such as *tikodo* is more frequent.

22 É muito comum em narrativas o uso de marcadores discursivos como ~*o'õ-saa*, ‘fazer assim/desse jeito’, que é a união de uma conjunção *saa* ‘então/assim/por isso’ e a raiz dêitica *o'õ* ‘aqui’. A mesma conjunção ocorre muitas vezes com o verbo *yee* ‘fazer’, como em (7), formando cláusula subordinada ‘fazendo assim ...’, ferramenta discursiva para dar ligação entre frases e promover continuidade na história.

Discourse continuing expressions, such as ~*o'õ-saa*, ‘then this/here/next’ are very common. This expression is formed from the combination of *saa* ‘so/then/that’s why’ and the deictic root *o'õ* ‘here’. The same conjunction frequently occurs with the verb *yee* ‘do/make’, as in line (7), forming a subordinate clause ‘doing that ...’, a discourse tool for bridging sentences and promoting continuity in the narrative.

23 Nota-se o uso extensivo do morfema *-pe*, aqui analisado como marcador de contraste e provável mudança de foco, que pode ocorrer em palavras nominais ou verbais. Postulamos uma ligação semântica com a raiz demonstrativa *ahpe* ‘outro’. Para uma análise do marcador cognato *-se/e* em Kotiria, ver Stenzel (2015).

Note the extensive use of the morpheme *-pe*, which we analyze here as a marker of contrast and likely change of focus, which can occur on both nouns and verbs. We hypothesize a semantic relation to the demonstrative root *ahpe* ‘other’. For an analysis of the cognate *-se/’e* in Kotiria, see Stenzel (2015).

- (4) *saa yu'ú, yu'ugüle<sup>24</sup> me'no ihia*  
 saá yu'ú yu'ú ~gu'u-de ~be'é-dó<sup>25</sup> ihí-aga  
 então/assim 1SG 1SG-ADD-OBJ ser.pouco-SG COP-PRES  
 ‘Então, eu também tenho uma pequena (história).’ [Lit: Então, existe para mim também uma pequena (história)]  
 ‘So, I too have a little one (story).’ [Lit: So, a little one (story) exists for me too]

(5) *saa kihti warope é historia*  
 saá kití<sup>26</sup>-wáró-pé é historia  
 então/assim história/conto-de.verdade-CONTR  
 ‘Histórias verdadeiras são “histórias”.’  
 ‘Things that really happened are “stories”.’

(6) *saa kihti ihiyepé é estória, sata?*  
 saá kití ihí-ye-pe é estória sata  
 então/assim história/conto COP-NMLZ.INDF-CONTR assim.mesmo  
 ‘E contos (inventados) são “estórias”, não é?’  
 ‘And (made up) tales are “stories”, right?’

24 Outra alternância frequente envolve morfemas formados por /d/ + vogal anterior /i, e/, como os vários sufixos *-di* ‘VIS.PFV.2/3’, ‘NMLZ’ e ‘PL’ e *-de* ‘OBJ’ e ‘VIS.PFV.2/3’. Nestes, /d/ tem pronúncia [l] depois de vogais não-anteriores /a, o, u, ɯ/ e permanece [d] após vogais anteriores /i, e/. A pedido dos falantes, reproduzimos esta alternância nas formas ortográficas, mas mantemos o fonema subjacente /d/ na representação morfológica. Ver também nota 21 para outras alternâncias condicionadas por qualidade vocálica.

Another frequent alternation involves /d/ + front /i, e/, as in the various suffixes *-di* ‘VIS.PFV.2/3’, ‘NMLZ’ and ‘PL’ and *-de* ‘OBJ’ and ‘VIS.PFV.2/3’. In these, /d/ is realized as [l] after non-front vowels /a, o, u, ɯ/ and as [d] after front vowels /i, e/. At speakers’ request, we reproduce this alternation in the orthographic forms, but maintain /d/ as the underlying phoneme in the morphological representation. See note 21 for other alternations conditioned by vowel quality.

25 Entre outras funções, o morfema *-do* funciona como nominalizador, aqui e derivando do verbo *~be' e* ‘ser’ ‘pouco’ a forma nominal *~be' e-do* ‘coisa pequena’.

Among other functions, the morpheme *-do* is a nominalizer, used here to derive the nominal form *~be'e-do* 'small thing' from the verbal root *~be'e* 'be small'.

26 Aqui Tomás demonstra seu entendimento da diferença entre tipos de narrativas, todos denominados em wa'ikhana como *kiti* ‘história/relato/narrativa’. No dia do encontro, outros falantes haviam ofereceram narrativas do tipo mitológico e aqui ele faz contraste com o seu relato pessoal.

Tomás demonstrates his understanding of different categories of narratives, all referred to in Wa’ikhana as *kiti* ‘story/narrative/report’. On the day of the gathering, other speakers had offered mythical narratives, and here he points out that his will be a personal story.

(7) *saayeeeḡu o'õ mia, segunda-feira*

saá-yéé-gú ~o'ó ~biá segunda-feira  
então/assim-fazer-1/2SGM DEIC.PROX hoje

‘Então, hoje, segunda-feira,’

‘So, today, Monday,’

(8) *dia 10 de abril, o'õ numia yaawu'upu AMIDI<sup>27</sup> wametidi wu'u puyopu,*

dia 10 de abril ~o'ó ~dubiá yaá-wu'ú-pu AMIDI  
DEIC.PROX mulheres POSS-casa-LOC AMIDI

~wabé-tí-dí wu'ú pu'yó-pú  
nome-VBZ-VIS.PFV.2/3 casa estar.dentro-LOC

‘Dia 10 de abril, aqui na casa das mulheres que chamam de AMIDI.’

‘April 10th, here in the women’s house that they call AMIDI.’

(9) *mali duhibuhuna*

~badí duhí-búhú<sup>28</sup>~dá  
1PL.INCL sentar-AFFECT-PL

‘Estamos aqui,’ [Lit.: Sentados, reunidos]

‘Here we are,’ [Lit: sitting, gathered together]

(10) *seedo keodo, me'nagā ihiḡpetá ke'noano kihti wihiamipe*

saá-yéé-dó keódo ~be'é-~dá-~gá ihí-~gú-pe-tá  
então/assim-fazer-3SG certo ser.pouco-PL-DIM COP-SWRF-CONTR-EMPH

~ke'dóá-do kití wihi-wa'á-~bí-pé  
ser.bom-SG história sair-ir-FRUS-CONTR

‘Quando o grupo é pequeno, a história (deve) sair direito/correto.’

‘When there’s a small group, the story (should) come out right.’

27 AMIDI - Associação das Mulheres Indígenas do Distrito de Iauaretê, lugar de encontro de mulheres artesãs da região e venda de seus produtos, que também oferece hospedagem a pesquisadores e viajantes.

AMIDI – Association of Indigenous Women of the District of Iauaretê, where women gather to produce and sell traditional foods and crafts, and which also offers lodging to travelers and researchers.

28 Entendemos o uso do morfema *-buhu* ‘afetado’ nesta fala pelo contexto: todos os que estavam presentes foram convocados pelo professor Dorvalino Chagas para uma primeira sessão de gravação de narrativas em Wa'ikhana com a Dra. Stenzel (figura ainda pouco conhecida na época). Neste sentido, “estar presente” naquela ocasião não foi algo de vontade espontânea dos participantes, mas sim uma amostra de respeito ao convite feito pelo professor – foram “reunidos” a pedido dele.

We understand use of the morpheme *-buhu* ‘affected’ in this sentence by the context: Prof. Dorvalino Chagas had asked all the people present to participate in this first session of recording narratives in Wa'ikhana with Dr. Stenzel (still relatively unknown to them at the time). In this sense “being present” on that occasion was not a matter of spontaneous will on the part of the participants, but a show of respect and acquiescence to the invitation from the professor – they “gathered” at his request.

- (11) *seedo tikodo sahido bo'dole ka'mekoato*

saá-yeé-dó                    tí-kó-dó                    sahí-dó  
então/assim-fazer-3SG    ANPH-FEM-SG    tipo-SG

*bo'dó-de ~ka'bé-kóá-tó*  
coisa-OBJ    precisar/querer-SPEC-NMLZ

‘Por isso, ela deve querer desse jeito.’  
‘That’s probably why she wants it like this.’

- (12) *akāta<sup>29</sup> ihidi o'ðsaa bahudo wa'ali*

~uká-tá                    ihí-di                    ~o'ó-saá                    buhú-do                    wa'á-di  
uma-CLF:tempo    COP-VIS.PFV.2/3    DEIC.PROX-assim    aparecer-SG    ir-VIS.PFV.2/3

Uma vez aconteceu bem assim.  
‘Once (it) happened like this.’

- (13) *o'ðsaa niime'oye meheta ihidi*

~o'ó-saa                    ~dii~bé'o-yé                    ~behé-ta<sup>30</sup>                    ihí-di  
DEIC.PROX-assim    dizer-não.conseguir-NMLZ.INDF    não.ser-EMPH    COP-VIS.PFV.2/3

‘Bem assim, realmente não é mentira (*niime'oye*).’  
‘Like this, it’s really not a lie.’

29 Notamos variação da vogal inicial [a] ~ [u] da palavra ~uká, e mantemos a distinção na representação ortográfica a pedido dos falantes.

We note variation in the initial vowel [a] ~ [u] of the word ~uká, and maintain this variation in the orthographic representations at the request of the speakers.

30 A negação verbal em wa'ikhana em geral é feita pelo morfema verbal *-eda* que ocorre imediatamente após a raiz, como pode ser observado na linha (31). No entanto, há também raízes inherentemente negativas como ~badia ‘não existir/ter X’ (função “existencial”) e ~behe ‘não ser N ou V do tipo X’ (função “inclusiva”, de pertencer a uma classe ou tipo específico de nome ou ação) como vemos nesta linha, e em (35) e (43) abaixo; tais verbos negativos são de uso frequente.

Verbal negation in Wa'ikhana is generally accomplished by use of the suffix *-eda*, which occurs immediately after the root, as we can see in line (31). However, there are also inherently negative roots such as ~badia ‘not exist/ have X’ (negative “existential” function) and ~behe ‘not be N or V of the type X’ (negative “inclusive” function, of not belonging to a class or specific type of noun or action) as we see in this line, as well as in (35) and (43) below; use of such negative verbs is very common.

- (14) *mali keodo, mali wa'ikhana keodo di'ita ya'uduhkumena, ahã*  
~badi keódó ~badí wa'í-khá-~dá keódó di'ita  
1PL.INCL certo 1PL.INCL fish-origin-PL certo apenas/sempre  
ya'ú-díkú-~bé-~dá ~áha  
falar/contar-estar.em.pé/ficar-FRUS<sup>31</sup>-PL INTJ:confirmação  
'Nós, nós wa'ikhana (piratapuyo 'gente-peixe') somos (quase) sempre contadores de verdade (o certo), ahã.'  
'We, we Wa'ikhana (Piratapuyo 'fish people') are (almost) always truth-tellers, uh-huh.'
- (15) *saayeedo<sup>32</sup>, yu'ha, akāta wehsep<sup>u</sup> wa'awa'a<sup>u</sup>, yu'ha wehsep<sup>u</sup>*  
saá-yéé-dó yu'ú-a ~uká-tá wesé-p<sup>u</sup>  
então-fazer-3SG 1SG-EMPH uma-CLF:tempo roça-LOC  
wa'á-wá'á-í<sup>u</sup> yu'ú-a wesé-p<sup>u</sup>  
ir-ir-VIS.PFV.1 1SG-EMPH roça-LOC  
'Então uma vez, eu mesmo fui embora para a roça, eu mesmo para a roça.'  
'So once, I myself went off to the garden plot, I myself to the garden.'
- (16) *wehsep<sup>u</sup>, buu i'yali. saayeeeg<sup>u</sup> "ko'tei wa'a<sup>u</sup>" nii.*  
wesé-p<sup>u</sup> buú i'yá-di saá-yéé-gí ko'té-i  
roça-LOC cotia comer-VIS.PFV.2/3 então-fazer-1/2SGM esperar-1/2SGM  
wa'á-í<sup>u</sup> ~dií-t<sup>33</sup>  
ir-VIS.PFV.1 dizer-VIS.PFV.1  
'Na roça, uma cotia estava comendo (a maniva). Então pensei: "Vou esperá/caçá(-la)."'  
'There in the garden, an agouti had been eating the manioc. So I thought: "I'm going to wait (for it, to hunt it)."'

31 Vejamos uso bem-humorado do morfema frustrativo ~be para caracterizar os Wa'ikhana como que (quase) sempre contadores da verdade (brincando com o grupo presente).

Here we see a good-humored use of the frustrative morpheme ~be to characterize the Wa'ikhana as (almost) always "truth-tellers" (kidding around with the other participants).

32 A junção de *saa-yee* na fala rápida tem pronuncia reduzida: [seedo], e em (16) [seegu].

In fast speech, *saa-yee* is often reduced, here to [seedo], and in (16) [seegu].

33 Nesta frase vemos que o morfema VIS.PFV.1 tem alomorfos fonologicamente condicionados: -u após vogais não-anteriores /a, o, u u/ e -i após anteriores /i e/. A mesma alternância ocorre com o morfema de 1/2SG -i/-u, como vemos na palavra *ko'te-i* nesta mesma frase e em (19) abaixo.

In this sentence, the VIS.PFV.1 morpheme has phonologically conditioned allophones: -u after non-front vowels /a, o, u u/ and -i after front vowels /i e/. The same alternation occurs with the 1/2SG suffixes -i/-u, as we see in the word *ko'te-i* in this sentence and in (19) below.

(17) *yu'ü ko'teati pano*

*yu'ü ko'té-wa 'a-ti*<sup>34</sup> ~pádo  
1SG esperar-ir-NMLZ estar/fazer.antes  
'Eu, antes de ir esperá(-lo),'  
'I, before going to wait (for it),'

(18) *niakã<sup>35</sup> kahsolio se'neye wehse dehko*

~uká kasólio<sup>36</sup> se'né-yé wesé dekó  
um jirau preparar-NMLZ.INDF roça no.meio  
'preparando um jirau no meio da roça,'  
'making a platform in the middle of the garden,'

(19) *se'neye topuñaha ko'tei wa'añ niinaha ñamikñno wa'a*

*se'né-yé to-pu~daha ko'té-i wa'á-í*  
preparar-NMLZ.INDF ANPH-LOC-EMPH esperar-1/2SGM ir-1/2SGM  
~dií-i-~náhá ~yabi-~ku-do wa'á  
PROG-VIS.PFV.1-EMPH noite-origem-SG ir  
'Preparando lá, fui indo esperar, sai antes de amanhecer'  
'Preparing that, I went off to wait, leaving before dawn.'

(20) *wa'awa'añ topu ko'tei wa'añ, añ*

*wa'á-wá'á-í to-pu ko'té-i wa'á-í áñ*  
ir-ir-VIS.PFV.1 ANPH/DEF-LOC esperar-1/2SGM ir-VIS.PFV.1 sim  
'Fui lá, fui esperar, sim.'  
'I went there, went to wait, yes.'

34 O morfema *-ti* nos parece ser um nominalizador que ocorre com subordinadas temporais.

The morpheme *-ti* seems to be a nominalizer used in temporal subordinate clauses.

35 É interessante que aqui Tomás usa a forma tukano *ni(a)kã* 'um/o' ao invés da forma equivalente em *wa'ikhana ~uka*. Especulamos que isso possa ser evidência de um processo de crescente "tukanização" da língua, resultado da predominância de tukano no ambiente de Iauaretê. No entanto, como se trata de falantes multilíngues, é possível que o uso de formas emprestadas tenha função discursiva específica, porém ainda não identificada nesta narrativa. Para uma análise de um caso paralelo, ver Stenzel e Khoo (2016).

Interestingly, here Tomás uses the Tukano form *ni(a)kã* 'one/a' instead of the equivalent form in *Wa'ikhana ~uka*. We speculate that this may be evidence of encroaching "Tukanization" of the language, the result of Tukano dominance in the Iauaretê environment. Nevertheless, since all speakers are multilingual, it is possible that use of borrowed forms may have a specific discursive function that we have failed to identify in this narrative. For an analysis of a parallel case in Kotiria, see Stenzel and Khoo (2016).

36 Caso de objeto sem o morfema *-de*, pois mesmo sendo objeto direto do verbo transitivo 'preparar', trata-se de um nome genérico, não definido.

This is a case of a noun that does not take the suffix *-de*, because even though it is the direct object of the transitive verb 'prepare', it is a generic, indefinite referent.

- (21) *d̄uhk̄ule ñaatiado yeedi*

*d̄uk̄u-de* ~*yaá-butí-wá'á*<sup>37</sup>-*dó* *yeé-di*  
maniva-OBJ ser.mal-amadurecer-ir-3SG fazer-VIS.PFV.2/3

‘(A cotia) estava estragando a mandioca.’

‘(The agouti) was ruining the manioc.’

- (22) “*tiña wehegu wa'añta*” *nino me'na wa'añta nii yu'ñ*

*ti-~ya* ~*wehé-gú* *wa'á-ú-tá*<sup>38</sup> ~*dii-dó*<sup>39</sup> ~*be'da*  
ANPH/DEF-ser.mal matar-1/2SGM ir-1/2SGM-IRR dizer-SG COM/INS

*wa'á-ú-ta* ~*dii-i* *yu'ñ*  
ir-VIS.PFV.1-EMPH dizer-VIS.PFV.1 1SG

“‘Vou matar aquele maldito!’’ com esse pensamento fui com vontade.’

“‘I’m going to get that bastard!’’ with that thought I went off determined.’

- (23) *wa'a top̄una, ehsapehsa*,

*wa'á to-pu-~daha* *esá-pesá*  
ir ANPH-LOC-EMPH chegar-deitar

‘Fui lá (no jirau), ficando deitado,’

‘I went there (to the platform), lying there,’

- (24) *ti kahsolio bu'ipuna, ko'pehsamigú*

*tí kasólio bu'i-pu-~dáhá* *ko té-pesá-mi-gú*  
ANPH jirau estar.em.cima-LOC-EMPH esperar-deitar-FRUS-1/2SGM

‘Em cima daquele jirau, esperando (sem sucesso).’

‘On top of the platform, waiting (in vain).’

37 Serializações com verbo *wa'a* cujo verbo mais à esquerda é um verbo estativo, como no caso a combinação ~*yaa-butí*, indicam mudança de estado (STENZEL, 2007b: 285). No exemplo, existe uma mudança de estado da maniva para ‘ficar estragada’.

Serializations with *wa'a* in which the preceding verb is stative, as in the case of ~*yaa-butí*, indicate change-of-state (STENZEL, 2007b: 285). In this example, the manioc undergoes a change of state to ‘become ruined’.

38 O morfema de modalidade da cláusula *ta* é um indicador de *irrealis* e não faz distinção de pessoa, mas a pessoa do sujeito é marcada por um morfema que aparece num *slot* anterior. Nesta fala, -*u* indica primeira pessoa do singular masculino.

The clause modality morpheme *ta* codes *irrealis* and is neutral for person, but person of the clausal subject is marked in an earlier slot in the verbal word. In this example, -*u* indexes first person masculine singular.

39 O verbo ~*dii* ‘dizer’ também pode significar ‘pensar’ e quando nominalizado pelo o morfema *-do* significa ‘pensamento’.

The verb ~*dii* ‘say’ can also mean ‘think’ and when nominalized by the morpheme *-do* derives ‘thought’.

- (25) *yut'ut, bo'lea pālike'ado,*  
*yut'ut bo'léa ~paliké'á-dó*  
1SG amanhecer abrir/clarear-SG  
'Eu, ao amanhecer,'  
'I, at dawn,'

- (26) "ti o'orata a'tasuali", *yut'ut ninota*  
*tí o'órátá a'tá-súá-dí* *yut'ut ~dii-dó-tá*  
ANPH no.mesmo.instante vir-fazer.de.custume-NMLZ 1SG dizer-SG-EMPH  
'É a hora (que a cutia) costuma vir" era meu pensamento.'  
"This is when (the agouti) usually comes," was my thought.'

- (27) *o'ð bo'dogāta*  
*~o'o bo'dó-~gá-tá*  
DEIC.PROX coisa/modo-DIM-EMPH  
'Então, bem assim,'  
'Then, like this,'

- (28) *yut'ut ka'agāta emodu ya'ubuhalith, aú*  
*yut'ut ka'á-~gá-ta ~ebó-du*  
1SG estar.perto-DIM-EMPH macaco.guariba-AUM  
*ya'ú-búhú-dí-tá* *áu*  
falar/contar-aparecer<sup>40</sup>-VIS.PFV.2/3-EMPH sim  
'Pertinho de mim, o guariba grande começou a gritar, sim.'  
'Close by, the big howler monkey started to howl, yes.'

- (29) *yut'ule pñadopñ ihikadñnaha*  
*yut'ut-dé pñá-dó-pú ihi-ka'a-dtñ-ut-~daha*  
1SG-OBJ dois/duas-SG-LOC COP-DUR-AFFECT-VIS.PFV.1-EMPH  
'Fiquei entre duas (coisas, opções).' [Lit: (A situação) me deixou entre dois.]  
'I was between two (things, options).' [Lit: (The situation) put me between two.]

40 Serializações com o verbo *buhu* 'aparecer' indicam aspecto inceptivo 'começar a X', sendo X um verbo ativo mais à esquerda.

Serializations with the verb *buhu* 'appear' indicate inceptive aspect 'begin to X', X being an active verb root to the left.

- (30) *buugñle saa wehēduado, emogñ'ule saa wehēduado, a*ñ  
buú-~gu'ñ-ú-de saá ~wehē-dúá-dó ~ebó-~gu'ñ-ú-de  
cotia-ADD-OBJ então matar-DES-SG macaco.guariba-ADD-OBJ  
saa ~wehē-dúá-dó áñ  
então matar-DES-SG sim  
'Querendo matar a cutia, (e) querendo matar o guariba, sim.'  
'Wanting to kill the agouti (and) wanting to kill the monkey, yes.'
- (31) *yñ'ñ "buu pi'awiedagñle, saata tohoasakāboa ihiedale"*  
yñ'ñ buú pi'á-wí'i-éda-~gu-de saá-tá  
1SG cotia sair-chegar-NEG-SWRF-OBJ então-EMPH  
tohó-esá~ka-bo-aga ihí-éda-de  
voltar-chegar-DUB-PRES COP-NEG-OBJ  
'Eu (pensando): "Se a cutia não aparecer, eu posso voltar sem nada."'  
'I (thought): "If the agouti doesn't show up, I might go home empty-handed."'
- (32) "emopede wehēi wa'añta" nii  
~ebó-pe-de ~wehē-i wa'á-gú-tá ~dií-i  
macaco.guariba-CONTR-OBJ matar-1/2SGM ir-1/2SGM-IRR dizer- VIS.PFV.1  
"“Vou matar o guariba,” pensei.  
“I’m going to kill the monkey,” I thought.’
- (33) *seedo dihia, tu'osuñgu,*  
saá-yéé-dó dihi-i-á tu'ó-súá-gú  
assim-fazer-SG descer-VIS.PFV.1-EMPH escutar-entrar.no.mato-1/2SGM  
'Assim (de modo ‘devagar’ segundo o consultor), desci, entrando no mato (atrás do som do guariba),  
'So ('slowly', according to the consultant), I got down, going into the forest (toward the sound from the monkey),'
- (34) *tu'osua wa'añ*  
tu'ó-súá wa'á-ú  
escutar-entrar.no.mato ir-VIS.PFV.1  
'Fui na direção (do som).'  
'(I) went that way (toward the sound).'

- (35) *ya'udo meheta, niidi ihidinaha*

*ya'ú-do* ~*behé-ta* ~*dií-dí* *ihí-di-~daha*  
falar/contar-SG não.ser-EMPH PROG-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3-EMPH

‘(Parece que o guariba) não estava cantando (o som que normalmente faz).’

‘(Apparently the monkey) wasn’t singing (making the sound it normally makes).’

- (36) *kaale kuedo saa sañuduhkumaamuhuli ihidi, hñ*

*kaá-de* *kué-do* *saá* ~*sayú-duku-~baá-~buhu-di*  
gavião-OBJ ser.perigoso-SG então/assim gritar-em.pé/ficar-sair-AFFECT-NMLZ

*ihí-di*<sup>41</sup> ~*hñ*  
COP-VIS.PFV.2/3 INTJ:afirm

‘Com medo do gavião perigoso/ameaçador, (parecia que) estava gritando, hmm.’

‘(Apparently) fearful of a dangerous/threatening hawk, it was screaming, hmm.’

- (37) *kaaku tina niidido ihmikoali hñ, yabeido*

*kaáku* *ti-~dá* ~*dií-dí-dó* *ihí-~bi-koá-di*  
gavião.rei ANPH-PL dizer-NMLZ-SG COP-FRUS-SPEC-VIS.PFV.2/3

~*hñ* *yabé-ídó*  
INTJ:afirm QU:o.que-NMLZ.SG

‘(Talvez) era o que chamam de gavião-real, hmm, aquele.’

‘(Maybe) it was what they call a king hawk, hmm, that one.’

- (38) *wñlia ponuta ihidi, kaadu*

*wñú-díá* ~*púdo-ta* *ihí-di* *kaá-dú*  
voar-CLF:redondo tamanho-EMPH COP-VIS.PFV.2/3 gavião-AUM

‘Era do tamanho de um avião, o gavião grande.’

‘It was as big as a plane, the big hawk.’

- (39) *tido, tido emope, hñ!*

*tí-dó* *tí-dó* ~*ebó-pé* ~*hñ*  
ANPH-SG ANPH-SG macaco.guariba-CONTR INTJ:afirm

‘E aquele, aquele guariba, hmm.’

‘That one, the monkey, hmm.’

41 Vejamos aqui a construção de evidencial INFERENCIAL mencionada na introdução. O verbo semanticamente pleno é nominalizado por *-di* e se torna complemento da cópula *ihí* que recebe um evidencial VISUAL perfectivo. Outros exemplos desta construção ocorrem nas linhas (35) e (41).

Here we see the INFERENCE evidential construction mentioned in the introduction. The semantically relevant verb is nominalized by *-di* as a complement of the auxiliary copula *ihí* which itself takes a VISUAL perfective suffix. Other examples of this construction occur in (35) and (41).

- (40) *a'lido, mai yuse puno, duhidi tido emodu*

*a'dí-do* ~*baí* *yusé* ~*píudo* *duhí-di*  
DEM.PROX-SG VOC:pai/tio josé tamanho sentar-VIS.PFV.2/3

*tí-do* ~*ebó-du*  
ANPH-SG macaco.guariba-AUM

‘Aquele (era) do tamanho do tio José,<sup>42</sup> o guariba sentado (que estava).’

‘That one (was) the size of Uncle José, the monkey sitting (that was) there.’

- (41) *kaa ñe'eduagü sañuduuhkumaamuhuli ihidi hü, cho!*

*kaá* ~*ye'é-dúá-~gü* ~*sayú-duku-~baá-~bühü-di*  
gavião pegar-DES-SWRF gritar-em.pé/ficar-sair-AFFECT-NMLZ

*ihí-di* ~*hü* *cho*  
COP-VIS.PFV.2/3 INTJ:afirm INTJ:puxa!

‘(Como) o gavião queria pegá-lo, (parece que) estava gritando, né? Puxa!'

‘(Since) the hawk was after him, he was (apparently) screaming, right? Yeah!'

- (42) *yü'dhawa'ali, poanali*

*yü'dhá-wá'á-dí* *poá-~da-di*  
ser.enorme-ir-VIS.PFV.2/3 pena/cabelo-PL-NMLZ

‘Era um bicho-cabeludo grande demais.’

‘It was an enormous hairy-one.’

- (43) *saa, “ihidikina meheta, pehkapedi dühkañpe”, nii*

*saá* *ihí-di-kña* ~*behé-ta* *pekápe-di*  
assim COP-NMLZ-PL não.ser-EMPH cartucho-PL

*düká-gü-pé* ~*dií-i*  
ser.resistente/forte-1/2SGM-CONTR dizer-VIS.PFV.1

‘Então, “(você) não é daqueles (animais pequenos e fáceis de matar), aguenta (é resistente a) chumbo,” pensei.’

‘So, “(you) aren’t one of those (small animals, easy to kill), (you’ll) resist buckshot,” (I thought.)’

- (44) *i'yo ü'muali i'yo, ihidopea poseyedipe ihidi*

*i'yo* ~*ü'bühá-di* *i'yo*  
CONJ:mas/ao.contrário ser.alto-VIS.PFV.2/3 CONJ:mas/ao.contrário

*ihí-do-pe-a* *posé-yé-dí-pé* *ihí-di*  
COP-SG-CONTR-EMPH encher-NMLZ.INDF-PL-CONTR COP-VIS.PFV.2/3

‘A altura era demais (para) o cartucho (com pelotas de chumbo) que tinha.’

‘It was too big for the ammunition, I had (buckshot).’

42 Aqui Tomás faz referência bem-humorada a outra pessoa presente, brincando com ele.

Here Tomás makes a good-humored reference to another participant present that day, joking with him.

- (45) *legítimo ihiḡuna, nik̄ata dihoboli ihi tidole*

legítimo<sup>43</sup> ihí-~gu-~daha ~uká-tá dihó-bo-di  
COP-SWRF-EMPH uma-CLF:tempo derrubar-DUB-NMLZ

ihí-i tí-dó-dé  
COP-VIS.PFV.1 ANPH-SG-OBJ

‘Se fosse (bala) legítima, eu o derrubaria de uma vez só.’

‘If I had real bullets, I would only need one shot.’

- (46) *muhsa iñaḡuta, yu'ú musinokhú ihetimipe yu'ú, mba!*

~b̄usá ~i'yá-gú'ú-ta yu'ú ~busídó-kú  
2PL ver/olhar-ADD-EMPH 1SG marupiara<sup>44</sup>/bom.de.tiro-1/2SGM

ihí-eti<sup>45</sup>-~bi-i-pe yu'ú mba!  
COP-IPFV-FRUS- VIS.PFV.1-CONTR 1SG INTJ:penso/afirmo.assim

‘Vocês sabem, eu (costumava ser) bom de tiro, isso mesmo!’

‘You know, I was (usually) a good hunter, indeed.’

- (47) *o'ó to pitide*

~o'ó to pití-dé  
DEIC.PROX ANPH/DEF acabar-VIS.IPFV.2/3

‘Aqui (a história) termina.’

‘That’s the end (of the story).’

---

43 O consultor explicou que a bala “legítima” é um tipo de cartucho de espingarda industrializado, ao contrário dos mais baratos e menos eficazes feitos manualmente, enchidos com pelotas de chumbo e chamados de *poseyedi* pelo narrador.

The consultant explained that a “legitimate” bullet is the industrialized kind made for a rifle, in contrast to the cheaper and less effective ones made by hand, filled with buckshot and which the narrator calls *poseyedi*.

44 Mantemos aqui a primeira tradução em Nheengatu dada pelos consultores “marupiara”, que significa ‘homem de sorte’ na caça ou pesca.

We maintain the first translation “marupiara” given by the consultants in Nheengatu, which means ‘lucky/successful’ in hunting or fishing.

45 Aqui vemos um morfema que indica aspecto imperfectivo do predicado ‘ser marupiara’. Esse aspecto é diferente do aspecto indicado nos sufixos evidenciais, que está relacionado ao acesso que o falante tem a fonte de informação especificada.

Here we see the imperfective aspect morpheme on the predicate ‘be marupiara’. This aspect is different from that coded in evidentials suffixes, which is related to the access the speaker has to the specified source of information.

## Lista de glosas

ADD	aditivo
AFFECT	afetado
ANPH	anafórico
CONTR	contrastivo
DIM	diminutivo
PRES	evidencial presumido
SWRF	<i>switch-reference</i>
VIS	evidencial visual

## REFERÊNCIAS

- ANDRELLO, G. *Cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê*. São Paulo: Editora UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006
- BARNES, J. Tucano. In: DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. (eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 207-226.
- BARNES, Tucanoan Languages. In: BROWN, K. (ed.) *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2a ed. vol. 13. Boston: Elsevier, 2006, pp. 130-142.
- CEZARIO, B.; BALYKOVA, K.; STENZEL, K. “Parece que” é uma construção: a categoria de inferência em Wa'ikhana (Tukano oriental). *Revista Lingüística*, v. 14, n. 1, pp. 207-231, jan-abr, 2018.
- CHACON, T. A Revised Proposal of Proto-Tukanoan Consonants and Tukanoan Family Classification. *International Journal of American Linguistics*, Vol. 80(3): 275-322, jul. 2014
- EPPS, P & STENZEL, K. *Upper Rio Negro – cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Museu do Índio – Funai, 2013.
- GIVÓN, T. Some Substantive Issues Concerning Verb Serialization: Grammatical vs. Cognitive Packing. In: C. LEFEBVRE (ed.). *Serial Verbs: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 137-211.

GIVÓN, T. *Syntax. An Introduction*. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOMEZ-IMBERT, E. Une langue du Nord-ouest amazonien: le barasana. In: LANDABURU, J. & QUEIXALOS, F. (orgs.) *Méso-Amérique, Caraïbes, Amazonie*. Vol. 2, Faits de Langue. Fontenay-aux-Roses: Ophrys, 2003.

GOMEZ-IMBERT, E. La famille Tukano. In: BONVINI, E.; BUSUTTIL, J.; PEYRAUBE, A. (eds.), *Dictionnaire des langues*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

GOMEZ-IMBERT, E. & STENZEL, K. Tukanoan Languages. In: MICHAEL, L; EPPS. P. (eds.) *Handbook of Amazonian Languages*. De Gruyter Mouton, to appear.

HEINE, B. & KUTEVA, T., *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MARTINS, S. A. *Fonologia e Gramática Dâw*. Amsterdam: vrije University, 2004.

STENZEL, K. Multilingualism in the Northwest Amazon, Revisited. *Annals of the II Congress on Indigenous Languages of Latin America* (CILLA), 2005.

STENZEL, K. Glottalization and other suprasegmental features in Wanano. *International Journal of American Linguistics* 73(3): 331-366, 2007a.

STENZEL, K. The Semantics of Serial Verb Constructions in two Eastern Tukanoan languages: Kotiria (Wanano) and Waikhana (Piratapuyo). In: DEAL, A. R. (ed.). *Proceedings of SULA 4: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas*. University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics. Amherst, v. 35, pp. 275-290, 2007b.

STENZEL, K. Kotiria 'differential object marking' in cross-linguistic perspective. *Amerindia* 32: 154-181, 2008a.

STENZEL, K. Evidentials and Clause Modality in Wanano. *Studies in Language* 32(2): 404-44, 2008b.

STENZEL, K. Considerações sobre ordem de palavras, tópico e o ‘efeito foco’ em Kotiria. *ReVEL*, edição especial n. 10: 223-246, 2015.

STENZEL, K. & DEMOLIN, D. Traços Laringais em Kotiria e Wa'ikhana (Tukano oriental). In: BESOL, L. e COLLISCHONN, G. (orgs.) *Fonologia: teroias e perspectivas*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2013, pp. 77-100.

STENZEL, K. & GOMEZ-IMBERT, E. Evidentiality in Tukanoan languages. In: AIKHENVALD A. Y. (ed.) *The Oxford Handbook of Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2018, pp. 357-387.

STENZEL, K. & KHOO, V. Linguistic hybridity: a case study in the Kotiria community. *Language Ideologies and Multilingualism*, special volume of *Critical Multilingualism Studies* 4.2: 75-110, 2016.